

Extremo Oeste: A historiografia regional, o Oeste e a (Tríplice) Fronteira internacional do Paraná

Far West: Regional historiography, The West and the (Triple) International Border of Paraná

Micael Alvino da Silva*

<https://orcid.org/0000-0001-5113-5106>

Marcelino Teixeira Lisboa**

<https://orcid.org/0000-0002-6421-920X>

Heloisa Marques Gimenez***

<https://orcid.org/0000-0002-2325-9643>

Resumo

Existe uma historiografia clássica que compreende o Paraná como uma região do Brasil e o subdivide em três áreas histórico-culturais: Paraná Tradicional, Norte e Sudoeste/Oeste. Discípulo dessa escola, o historiador Ruy Wachowicz delimitou a região Oeste do Paraná para a qual propôs um modelo de interpretação segundo o qual se explica a ocupação dessa região a partir de dois processos históricos. O primeiro foi o sistema de extração da erva-mate nativa, conhecido como *obrages*, vigente na virada do século XIX para o século XX. O segundo foi a ocupação sistemática do território por meio da ação de companhias colonizadoras organizadas para atrair agricultores do sul do Brasil, descendentes dos imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos. Em que pese o fato de que essa explicação da historiografia regional possa ser aplicada à maioria dos espaços que hoje compreendem o oeste do Paraná, argumentamos ela não se aplica ao espaço conformado pelo extremo oeste, e que hoje forma a região internacional da Tríplice Fronteira entre Brasil,

*Doutor em História Social (USP), professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e coordenador do Grupo de Pesquisa sobre a Tríplice Fronteira (GTF/UNILA). E-mail: micael.silva@unila.edu.br

**Doutor em Ciência Política (UFRGS). Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), membro do Grupo de Pesquisa sobre a Tríplice Fronteira (GTF/UNILA). E-mail: marcelino.lisboa@unila.edu.br

***Doutora em Relações Internacionais (UnB), professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e membro do Grupo de Pesquisa sobre a Tríplice Fronteira (GTF/UNILA). E-mail: heloisa.gimenez@unila.edu.br

Os autores e a autora agradecem aos pareceristas da RHR pela contribuição para a versão final do texto e ao Grupo de Pesquisa sobre a Tríplice Fronteira (GTF/UNILA) pelo apoio na produção desse artigo.

Argentina e Paraguai. Esse artigo é resultado da análise de fontes documentais e mapas históricos que evidenciam as influências do contexto internacional regional (Parque Nacional do Iguazu, Comércio de *Ciudad del Este* e Itaipu Binacional) e do contexto internacional global (imigração do Sudeste da Ásia e do Oriente Médio) na Tríplice Fronteira.

Palavras-chave: História Regional, História do Paraná, Historiografia do Paraná, Oeste do Paraná, Tríplice Fronteira Argentina-Brasil-Paraguai

Abstract

There is a classical historiography that understands Paraná as a region of Brazil and subdivides it into three historical-cultural areas: Traditional Paraná, North and Southwest/West. The historian Ruy Wachowicz delimited the western region of Paraná for which he proposed an interpretation model according to which the occupation of this region is explained based on two historical processes. The first was the native yerba mate extraction system, known as *obrages*, in force at the turn of the 19th to the 20th century. The second was the systematic occupation of the territory through the action of colonizing companies organized to attract farmers from southern Brazil, descendants of European immigrants, mainly Germans and Italians. Despite the fact that this explanation of regional historiography can be applied to most western Paraná spaces, we argue that it does not apply to the space shaped by the far west, which today forms the international region of the Tri- Border Area between Brazil, Argentina and Paraguay. This article is the result of the analysis of documentary sources and historical maps that show the influences of the regional international context (Iguazu National Park, Ciudad del Este International Trade and Itaipu Binacional) and global international context (immigration from Southeast Asia and the Middle East) on the Tri-Border Area. **Keywords:** Regional History, History of Paraná, Historiography of Paraná, West of Paraná, Tri-Border Area

Introdução

Uma rápida consulta aos trabalhos de mestrado e doutorado defendidos nos últimos anos nos Programas de Pós-Graduação em História no estado do Paraná é suficiente para constatar-se que a História do Paraná não conforma uma robusta área de pesquisa acadêmica. Como consequência, o referencial básico para estudos históricos segue sendo a historiografia clássica do Paraná. Essa terminologia está sendo empregada nesse artigo exclusivamente para referir-se a um conjunto de escritos e debates que foram presentes no âmbito

do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, entre 1950 e 1990.¹

A historiografia regional clássica do Paraná deriva desse escopo de publicações, que será objeto de análise na primeira seção desse artigo, após a introdução. Dentro dessa historiografia, destacaremos o trabalho de Ruy Wachowicz, que se dedicou a evidenciar o Oeste do Paraná no momento em que a região era impactada pela construção e pela formação do lago da usina de Itaipu. Segundo o autor, o que explica a conformação do oeste paranaense na virada do século XIX para o século XX foi o sistema de *obrages* para exploração de erva-mate e madeira por argentinos. Após meados do século XX, ainda segundo o autor, a história do oeste do Paraná se explica a partir do que chamou de frente sulista, oriunda de um modelo empresarial de colonização, que atraía agricultores descendentes da imigração europeia estabelecida no Rio grande do Sul e em Santa Catarina. O trabalho tornou-se clássico por ter encontrado um “elemento histórico unificador” para explicar o oeste do Paraná. Ainda que o autor tenha razão e o modelo explicativo (baseado em *obrages* e companhias colonizadoras) se aplique à maioria das cidades do oeste, essa explicação não se aplica ao extremo oeste, ou seja, à tríplice fronteira internacional do Paraná onde o Brasil limita com a Argentina e com o Paraguai.

Nas partes seguintes do texto propomos uma explicação para a Tríplice Fronteira não somente como extremo oeste do Paraná, mas como um espaço que se formou por influência de fatores diferentes daqueles que determinaram a formação do oeste do Paraná. Argumentamos, primeiramente, que entre as décadas de 1880 e 1930, quando predominava o sistema de *obrages*, o que influenciou a formação da Tríplice Fronteira foi a instalação da Colônia Militar, levando o sistema de *obrages* a ter uma presença tardia no extremo oeste. Argumentamos, também, que na fase em que no oeste do Paraná predominavam as empresas colonizadoras, a partir da década de 1940 e com mais ênfase a partir dos anos 1950, a ocupação e formação da Tríplice Fronteira foi impulsionada a partir de elementos internacionais. Em relação à Argentina, a formação do Parque Nacional do Iguaçu determinou o fim da possibilidade de exploração do espaço na fronteira com a Argentina pelos colonos. Em relação

¹BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969; BREPOHL, M. D. “Acerca do modelo Pinheiro Machado: uma leitura sobre a história regional”. *Questões & Debates*, Curitiba, 2, n. 2, jun. 1981. 15-22; CARDOSO, J. A. “O modelo de explicação histórica proposto por Brasil Pinheiro Machado”. *Questões & Debates*, Curitiba, 2, n. 2, jun. 1981. 5-14; MACHADO, B. P. “O estudo da história regional (uma nota prévia)”. *Questões & Debates*, Curitiba, 2, n. 3, dez. 1981; MACHADO, B. P. “Esboço de uma sinopse da história regional do Paraná”. *Questões & Debates*, Curitiba, 8, n. 14/15, jul-dez 1987. 177-209; WACHOWICZ, R. *Obrajeiros mensus e colonos: história do oeste paranaense*. Curitiba: Vicentina, 1982.

ao Paraguai, primeiro, a política paraguaia de ocupação de sua fronteira leste levou à fundação de uma cidade e do impulso ao comércio de fronteira no local onde situa-se Ciudad del Este. Segundo, a aproximação entre Brasil e Paraguai em suas relações exteriores, que originou os projetos de integração binacional como a Ponte da Amizade e a Itaipu Binacional. A formação de cidades dos três lados da fronteira, que no início dos anos 1970 contava com cerca de 76 mil habitantes e passou a contar quase 700 mil no ano 2000,² e a interdependência econômica local nos levam a afirmar que o extremo oeste do Paraná forma, com as partes vizinhas da fronteira, a região internacional da Tríplice Fronteira,³ diferente das demais cidades do oeste do Paraná.

Tal qual a história regional do Paraná despertou o interesse acadêmico de historiadores, a Tríplice Fronteira tem despertado interesse acadêmico de pesquisadores principalmente do campo da Antropologia e das Relações Internacionais. O comércio internacional proporcionado pelo acesso do Paraguai ao mar levou a uma onda de imigração do sudeste da Ásia e do Oriente Médio, especialmente de chineses e árabes-libaneses. As implicações globais associadas a esse processo migratório tornaram a região um lugar comum em determinados fóruns internacionais. Um recente estudo constatou que cerca de duas dezenas de trabalhos acadêmicos já foram publicados em revistas especializadas.⁴ No campo da História, destaca-se uma coletânea organizada por pesquisadores internacionais propondo a Tríplice Fronteira como uma nova área de estudos latino-americanos.⁵ É nesse debate que esse texto está inserido.

A discussão realizada nesse artigo não é um debate novo, mas procura preencher uma lacuna nessa temática, que é sistematizar aquilo que demonstra que a Tríplice Fronteira possui uma formação diferente daquilo que a historiografia clássica utiliza para explicar a formação do oeste do Paraná. Os trabalhos mais recentes que tangenciam esse tema apoiam-se na historiografia clássica para realizar investigações em outros temas específicos que tratam do oeste do Paraná ou da Tríplice Fronteira.

² LIMA, F. R. F. *Desenvolvimento regional na fronteira Foz do Iguaçu/BR - Ciudad del Este/PY*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Geografia. Curitiba: UFPR, 2011.

³ GIMENEZ, H. M. et al. "A Tríplice Fronteira como Região: Dimensões Internacionais". *Cadernos Prolam/USP*, São Paulo, 17, n. 33, jul./dez. 2018. 148-167.

⁴ SILVA, M. A.; CASTRO, I. C. S. *Além dos limites: a Tríplice Fronteira nas Relações Internacionais Contemporâneas*. São Paulo: Alameda, 2021.

⁵ BLANC, J.; FREITAS, F. *Big Water: The Making of Borderlands Between Brazil, Argentina and Paraguay*. Chicago: University of Arizona Press, 2018.

O livro de Alfeo Seibert Filho que trata da viagem de Reinhard Maack ao oeste do Paraná nos anos 1930 utiliza essa historiografia para apresentar as condições sócio-políticas do seu objeto de estudo.⁶ Portz, Mascarenhas e Gregory abordam o rio Paraná e sua importância para a região fronteiriça e, embora destaquem alguns pontos relativos à Tríplice Fronteira, não realizam grande diferenciação entre essa região e o restante do oeste do Paraná.⁷ Carla Soavinski trata da luta dos indígenas pelo território após a construção de Itaipu, estendendo sua discussão também ao período das obras e das frentes colonizadoras da primeira metade do século XX.⁸ A pesquisa apresenta uma excelente discussão sobre o tema e destaca a região oeste do Paraná e a Tríplice Fronteira, mas também não há uma distinção da formação da região trinacional em relação ao restante. Também na temática indígena, Brighenti e Santos apontam o uso da mão de obra indígena nas *obras*, mas também não há especificidades sobre a Tríplice Fronteira que permitam inferir sobre a diferença entre essa região e o restante do oeste do Paraná.⁹

Na bibliografia recente sobre o oeste do Paraná, estão bastante presentes as temáticas indígena e da educação, indicando que a discussão sobre a colonização e a formação do oeste paranaense é assunto consolidado na literatura. Também evidencia que falta a abordagem específica da Tríplice Fronteira com suas especificidades históricas relativamente à formação dessa região ao longo do século XX.

Delimitamos o que chamamos de oeste do Paraná como o espaço contido entre os rios Paraná, Piquiri e Iguaçu, até as proximidades do território da cidade de Cascavel. O Mapa 1, a seguir, ilustra esse recorte.

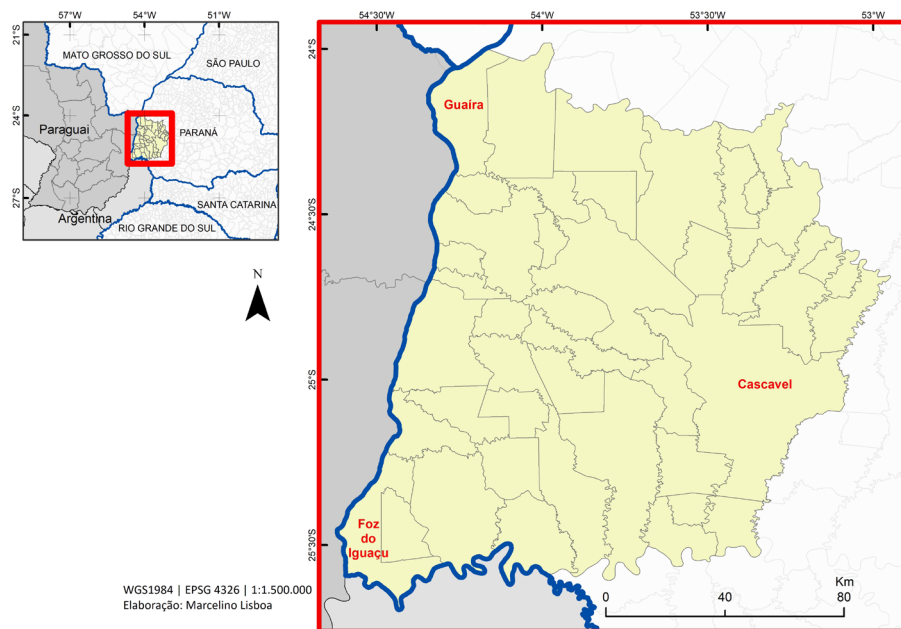
⁶ SEIBERT FILHO, A. *A expedição de Reinhard Maack em 1933-1934 no interior do Paraná: contexto sociopolítico e econômico*. São Paulo: Dialética, 2021.

⁷ PORTZ, S.; MASCARENHAS, M.; GREGORY, V. O Rio Paraná e a Dinâmica da Fronteira nos Séculos XIX e XX. *Pleiade*, 14, n. 30, 2020. 36-47.

⁸ SOAVINSKI, C. *Terra pela qual se luta, terra na qual se vive: o refazer da vida e da terra dos Avá-Guarani do Oeste do Paraná após o desterro*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Brasília: UnB, 2019.

⁹ BRIGHENTI, C. A.; SANTOS, R. D. Encobrimento indígena no processo de colonização do oeste do Paraná. *Sures*, n. 9, 2017. 113-131.

Mapa 1: Localização da área de estudo



Elaboração própria.¹⁰

Esse recorte foi selecionado considerando o espaço no qual incidiu o sistema de *obrages* e o modelo de colonização de uma forma que é possível realizar uma comparação com a Tríplice Fronteira. Há diversas formas de se definir o oeste paranaense. A mais comum é aquela que considera a mesorregião oeste paranaense, do IBGE. Contudo, os municípios que fazem parte dessa mesorregião e que estão a leste de Cascavel tiveram influência residual da fase das *obrages*, por exemplo, sendo desnecessário incluir essa parte do estado em nosso recorte. Outra classificação frequentemente utilizada é aquela que trata da ocupação do Paraná pela frente tradicional, a frente vinda de São Paulo e a frente sulista. A colonização da frente sulista inclui, no mínimo, a mesorregião sudoeste paranaense, além da mesorregião oeste. Porém, a discussão aqui realizada não alcança as especificidades dos fenômenos ocorridos ao sul

¹⁰ Shapefiles do território do Brasil adquiridos junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Shapefiles do território da Argentina adquiridos junto ao Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA). Os Shapefiles do território do Paraguai foram adquiridos junto à Direção Geral de Estatística, Pesquisas e Censos. Os dados cartográficos estão disponíveis em <https://osf.io/qg457/> com acesso mediante autorização dos autores.

do rio Iguaçu, nem ao leste de Cascavel. Com isso, nosso foco é o espaço em destaque no mapa acima, entendida como o espaço onde mais os processos de exploração e colonização ocorridos nos séculos XIX e XX possuem semelhanças em seus processos mais estruturais. Tríplice Fronteira, nesse texto, é representado pelo extremo oeste paranaense, nas proximidades da fronteira com a Argentina e com o Paraguai. Inicialmente, refere-se ao território sob responsabilidade da Colônia Militar e ao longo da discussão a delimitação vai se aproximando do que hoje é o espaço da cidade de Foz do Iguaçu.

Outras duas observações são necessárias antes de finalizar essa introdução. Primeiro, os dados cartográficos foram exaustivamente analisados, mas certamente pode haver imprecisões. Os materiais disponíveis foram produzidos entre o início e a metade do século XX, muitos deles elaborados manualmente. No entanto, para o objetivo desse texto, isso não comprometeu a discussão. Segundo, nos mapas produzidos para esse texto foram deixados em plano de fundo os traçados das divisões políticas municipais atuais. Entendemos que dessa forma a compreensão é facilitada por conta das referências atuais da organização do espaço. Cabe ressaltar que a configuração atual da divisão dos municípios ocorreu apenas entre os anos 1950 e 1990, algumas décadas depois do período analisado.

O Oeste na historiografia regional do Paraná

Brasil Pinheiro Machado foi um advogado, político e professor da Universidade Federal do Paraná. Em 1951, publicou o texto *Esboço de uma sinopse da história regional do Paraná*, que se tornou um clássico da historiografia regional.¹¹ No artigo, o autor argumentava que a História do Paraná deveria ser compreendida como uma história regional, com diversos capítulos, que formava parte da História do Brasil.¹² As ideias de Machado foram consideradas inspiradoras e um modelo teórico para abordagem da história paranaense.¹³

A visão de Machado acerca da história regional como recurso metodológico e articulado com o contexto mais amplo foi apenas o início de um

¹¹ O texto original foi republicado pela Revista *Questões & Debates* em 1987.

¹² MACHADO, B. P. “Esboço de uma sinopse da história regional do Paraná”. *Questões & Debates*, Curitiba, 8, n. 14/15, jul-dez 1987. 177-209.

¹³ CARDOSO, J. A. “O modelo de explicação histórica proposto por Brasil Pinheiro Machado”. *Questões & Debates*, Curitiba, 2, n. 2, jun. 1981. 5-14.

conjunto de publicações na área.¹⁴ Mais tarde, houve um significativo avanço na concepção com a publicação do livro *História do Paraná*, em coautoria de Machado com as então jovens historiadoras Maria Cecília Westphalen e Altiva Pilatti Balhana.¹⁵

Especificamente sobre o referido modelo, destaca-se que a preocupação central não era com as regiões no interior do Estado, mas com o Paraná como uma região do Brasil. Contudo, esse pensamento remetia aos anos 1950 e à experiência de Machado, que quando escreveu seu *Esboço* era político ativo, tendo sido Interventor Federal do Paraná em 1946 e Deputado Federal de 1948 a 1951. Na década que se seguiu, as transformações na população e o desenvolvimento de novas cidades em outras regiões, especialmente no Norte do Paraná, foram contempladas na produção conjunta com Westphalen e Balhana.

Interessante observar que essa produção do conhecimento histórico na década de 1960 também coincidia com projetos de modernização do estado do Paraná, para o qual cada vez mais a região Norte se tornava econômica e politicamente relevante. Nesse sentido, tendo como ponto de partida a questão da identidade, em *História do Paraná* os autores apontam para a formação do estado a partir de comunidades sem identidade entre si e sintetizadas em Paraná Tradicional e Paraná Moderno.

O Paraná Tradicional, como já argumentava Machado em seu *Esboço*, foi compreendido geograficamente pelo litoral, Curitiba e região dos campos gerais. Historicamente está conectado aos períodos da colonização portuguesa, do tropeirismo e do comércio de erva mate e madeira. Já o Paraná Moderno é fruto das transformações do século XX, especialmente após a sua segunda metade, com frentes de ocupação vindas de São Paulo (região Norte, especialmente Maringá e Londrina) e do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (regiões Sudeste e Oeste). Para a *História do Paraná*, propunha-se a noção de identidade paranaense fragmentada.¹⁶

Essa proposição do Estado dividido em três áreas histórico-culturais (Paraná Tradicional, Norte e Sudoeste/Oeste) inspirou “várias gerações de professores e estudantes de História”,¹⁷ e até o momento segue como

¹⁴ BREPOHL, M. D. “Acerca do modelo Pinheiro Machado: uma leitura sobre a história regional”. *Questões & Debates*, Curitiba, 2, n. 2, jun. 1981. 15-22.

¹⁵ BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Nota do editor por ocasião da republicação do texto de Brasil Pinheiro Machado em 1987.

modelo explicativo da história do Paraná. Foi partindo desse modelo que Ruy Wachowicz, um historiador também da UFPR, mas da geração posterior a Westphalen e Balhana (ele se graduou em 1961), aprimorou-o para dividir e explicar melhor o Sudoeste e o Oeste. A propósito do Oeste, o livro *Obrageiros, mensus e colonos: história do oeste paranaense*, publicado pela primeira vez em 1982, incorpora-se aos clássicos da historiografia paranaense.

A produção de Wachowicz possui importância ímpar por diversos motivos. Primeiro, é um trabalho pioneiro sobre uma região até então com algum nível de esquecimento.¹⁸ Segundo, porque o autor procura estabelecer uma conexão histórica dessa região com o restante do Paraná. O historiador argumenta que foi fundada uma colônia militar na “parte mais ocidental da microrregião denominada oeste do Paraná”, em Foz do Iguaçu, no ano de 1889, com pouco sucesso. O quadro seria revertido somente após 1940-1950 com três frentes: uma oriunda do Paraná Tradicional; outra sendo a “frente sulista” vinda do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina; e, por último, a do “Norte”, que inclui o norte do Paraná e também o estado de São Paulo.¹⁹

Ainda que buscasse uma conexão com o Paraná Tradicional, Wachowicz dialogava diretamente com um projeto federal que marcaria a história não somente do Brasil ou do Paraná, mas da América do Sul. Aliás, sua pesquisa sobre o Oeste teve apoio financeiro da Itaipu Binacional justamente por tratar da região que seria atingida pelo Lago de Itaipu. Evidentemente que, como historiador, ele só poderia lidar com as fontes disponíveis. Por isso seu trabalho tornou-se clássico ao encontrar um “elemento histórico unificador” para o passado: na virada do século XIX para o século XX, o sistema de *obrages* para exploração de erva-mate e madeira dominado por argentinos; e, no momento da publicação do livro, a colonização por descendentes de europeus, ou a “frente sulista”. Para o autor, em geral, a história do Oeste pode ser contada a partir do modelo de colonização do século XX, que consistia em uma empresa que atraía colonos descendentes de europeus radicados no sul do Brasil. Além de Wachowicz, é possível encontrar outros historiadores de fora do círculo “clássico” em torno da UFPR que seguiram essa trajetória.²⁰

¹⁸ *Ibidem*

¹⁹ WACHOWICZ, R. *Obrageiros mensus e colonos: história do oeste paranaense*. Curitiba: Vicentina, 1982.

²⁰ GREGORY, V. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

FREITAG, L. D. C. *Fronteiras perigosas: migração e brasilidade no extremo-oeste paranaense (1937-1954)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.

Um pouco menos de atenção tem recebido o ponto de confluência entre Argentina, Brasil e Paraguai. O próprio Wachowicz, em seu livro de 1982, referiu-se ao extremo oeste apenas para mencionar a iniciativa da Colônia Militar. A partir de outro contexto acadêmico, o trabalho de 2011 de Antonio Marcos Myskiw – mais recente, portanto, que o de Wachowicz – apontou para a pouca atenção da historiografia sobre o período pré-Itaipu, de modo geral, e sobre a Colônia, de modo específico.²¹ De todo modo, mesmo antes ou depois da Itaipu, o extremo oeste do Paraná não pode ser explicado a partir do modelo clássico da historiografia regional. Nessa lógica, nem a influência do Paraná Tradicional (primeiro na hierarquia de Wachowicz para o Oeste) nem o modelo colonizador euro brasileiro,²² aplicável à maioria das cidades do Oeste, ajudam na compreensão da ocupação do espaço da Tríplice Fronteira.

Contudo, depois da década de 1970, o extremo oeste deixa de ser a parte mais ocidental do Oeste do Paraná e passa a ser uma das três partes de uma região internacional que se forma na confluência dos três países. Nas primeiras décadas do século XXI, por exemplo, as três partes da fronteira estão física e economicamente interligadas e interdependentes, com população superior a 900 mil habitantes (cinquenta anos antes não ultrapassava 15 mil), com considerável imigração chinesa, árabe-libanesa, com forte comércio internacional e produção de energia elétrica.²³ Por isso, propomos uma compreensão desse espaço diferente daquela que explica o restante do oeste do Paraná.

Obrages no Oeste e Colônia Militar na Tríplice Fronteira

O marco temporal do que se considera a gênese do sistema da exploração das terras do oeste paranaense pelo sistema de *obrages* é a parte final do século XIX. As *obrages*, na descrição de Gregory,²⁴ eram empresas que exploravam produtos nativos por meio do latifúndio extrativista, contratando trabalhadores da região. Esses latifúndios formaram-se através da concessão de terras pelo governo brasileiro. Em sua maioria eram empresas de capital argentino ou brasileiro, que empregavam mão de obra paraguaia e escoavam a sua produção de erva mate e madeira pelo rio Paraná. No período *obrageiro*, que pode ser delimitado de 1881 a 1930, as *obrages* desenvolveram-se devido

²¹ MYSKIW, A. M. *A fronteira como destino de viagem: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888/1907)*. Guarapuava: EDUNICENTRO, 2011.

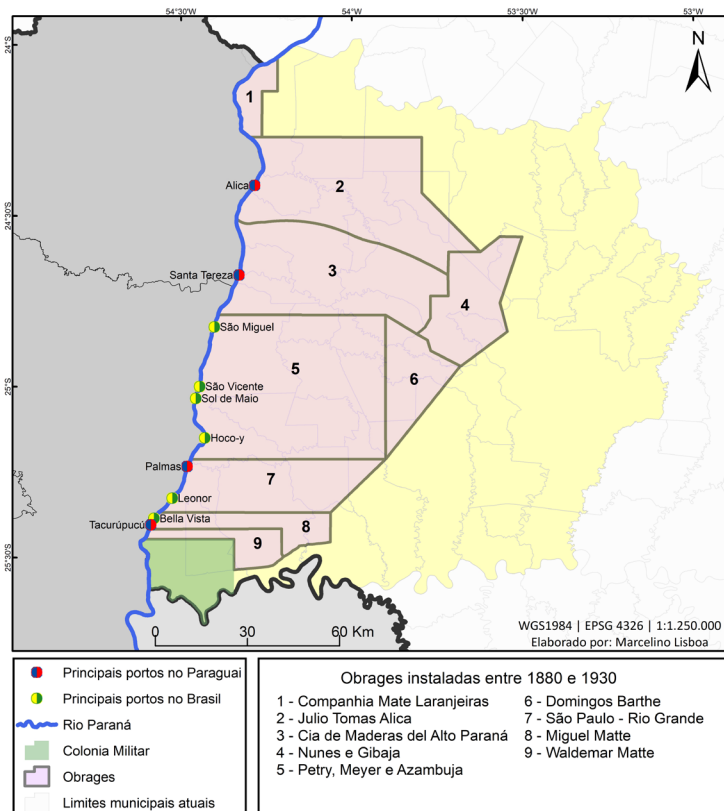
²² Gregory, op.cit.

²³ Silva e Castro, op.cit.

²⁴ Gregory, op.cit.

a um acordo de navegação assinado pelo governo imperial brasileiro com a Argentina e com o Paraguai, facilitando o escoamento de madeira e erva-mate pela bacia do rio da Prata.²⁵

Mapa 2: localização das obras



Elaboração própria. O traçado das obras foi definido com base em Oldoni e Rego.²⁶ A Colônia Militar e a localização dos portos basearam-se no livro de Domingos Nascimento.²⁷

Em expedição ao longo da fronteira para verificar a situação das colônias militares, Domingos Nascimento relata a existência de 18 portos obrazeiros

²⁵ PRIORI, Â. et al. *História do Paraná: séculos XIX e XX*. Maringá: Eduem, 2012.

²⁶ OLDONI, Sirlei Maria, REGO, Renato Leão. “A infraestrutura viária como elemento de configuração regional e urbana no processo de colonização do oeste do Paraná”. *XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata, 2017.

²⁷ Nascimento, op.cit.

na costa brasileira do rio Paraná, voltados a dar passagem à erva mate e à madeira extraídas da região. Destaca como mais importantes os portos *Bella Vista*, *Leonor*, *Hoco-y*,²⁸ *Sol de Maio*, *São Vicente* e *São Miguel*. Sobre as propriedades das *obrages*, havia pelo menos nove grandes empreendimentos na região, conforme demonstrado no mapa a seguir, juntamente com os portos citados por Domingos Nascimento.²⁹

O marco temporal de referência para a gênese da formação da região da Tríplice Fronteira é o final do século XIX, pois foi nesse período que ocorreu a definição formal dos limites territoriais dos Estados tal como encontram-se hoje. O Brasil e o Paraguai assinaram seu tratado de limites em 1872, enquanto que Argentina e Paraguai assinaram o tratado em 1878 e Brasil e Argentina em 1898. Esses tratados foram ainda objeto de disputas e ajustes foram realizados nas décadas seguintes,³⁰ mas de maneira geral esse período de tempo serviu para definir os limites da soberania de cada país.

Quanto ao início da ocupação do espaço geográfico da Tríplice Fronteira, o marco temporal também é a parte final do século XIX. No lado brasileiro, a gênese dessa ocupação foi a instalação da Colônia Militar, em um processo que ocorreu na transição entre o II Reinado e a República. Nos escritos de José Maria de Brito, um dos militares que participou da expedição que chegou à região da Tríplice Fronteira, a intenção de chegar até a foz do Rio Iguaçu e ocupar aquela região estratégica eram assuntos muito discutidos durante os anos finais do Império, mas por razões políticas permaneceram por muito tempo no esquecimento. Em 1888 foi criada uma Comissão Estratégica, que organizou uma expedição militar com o objetivo de descobrir a foz do Iguaçu e fundar uma colônia. A tarefa foi realizada em 1889, significando uma iniciativa governamental brasileira para salvaguardar a região e tomar posse efetiva de um território que legalmente pertencia ao Brasil.³¹ A colônia foi efetivamente instalada em 1892.³²

²⁸ Sobre a grafia do nome do porto *Hoco-y* há diferentes formas na literatura e nos documentos. Domingos Nascimento utiliza *Hoco-y*, enquanto que Antônio Marcos Myskiw, por exemplo, usa *Ocoí* e nos documentos do Departamento de Geografia, Terras e Colonização aparece tanto *Ocohy* quanto *Ocoy*. Optou-se nesse texto por citar o termo tal qual está escrito nas bibliografias e documentos consultados, respeitando as grafias de cada época em que foram produzidas as obras e documentos.

²⁹ NASCIMENTO, D. *Pela fronteira*. Curitiba: Typ d'A República, 1903.

³⁰ VARGAS, F. A. *Formação das fronteiras latino-americanas*. Brasília: FUNAG, 2017.

³¹ SBARDELOTTO, D. K. "Descoberta de Foz do Iguaçu e a fundação da colônia militar (Book Review)". *Educere et Educare*, Cascavel, 5, n. 9, jan/jun 2010. 293-297.

³² Nascimento, op. cit.

Nas bandas argentina e paraguaia da fronteira, foi também no mesmo período que se iniciou a ocupação motivada por ações nacionais. No Paraguai, em 1896 foi fundada a primeira cidade da região, Hernandarias. Nessa fase, a principal atividade econômica era a produção de erva-mate. O povoamento guarani ali existente estava organizado em comunidades e no século XVII passou a ser uma redução jesuítica, com a chegada dos colonizadores europeus à região. Quando Hernandarias foi fundada, a população ainda era escassa e a organização social era muito mais comunitária do que baseada em modelos mais urbanizados. Ao final do século XIX, existiam os portos Acaray, Tacurú-Pucú, Palmas, Santa Tereza, Vinte de Setembro e Pozuelos no lado paraguaio, que escoavam a produção de erva-mate pelo rio Paraná.³³

Com a consolidação do Estado republicano argentino e a fundação da província de Misiones, em 1881, a região passou a ter a atenção de investidores. Nesse período, a política econômica argentina visava incorporar terras que pudessem se tornar economicamente viáveis, através de investimentos privados. Conforme destacado por Lenz,³⁴ “a utilização dessas terras em regiões desabitadas para a produção só foi possível graças à chegada dos imigrantes, [...] e principalmente ao ingresso de um grande volume de investimentos estrangeiros”. Essa política levou a banda argentina a tornar-se a principal base para empresários ligados à exploração de erva-mate e madeira, levando os argentinos a dominarem economicamente a região.³⁵ Em 1902 foi fundada Puerto Aguirre, cidade que mais tarde viria a ser denominada Puerto Iguazú.

Essa condição permaneceu na Tríplice Fronteira, no lado brasileiro, pelo menos até a extinção da Colônia Militar em 1913. Até essa data, o extremo oeste do Paraná teve menor influência das *obrages* do que o restante do oeste do Estado. Isso não significa que a região sob responsabilidade da Colônia Militar estivesse isenta do intuito da exploração e colonização. Um dos motivos da instalação da colônia foi justamente a colonização da região, com a concessão de terrenos aos colonos que desejassem dedicar-se às atividades agropastoris, ao invés da extração de erva-mate e madeira. No decreto federal 4662,³⁶ que regulamentou as colônias militares, consta que as colônias deveriam ter uma zona urbana, uma zona suburbana e uma zona pastoril. A zona urbana deveria

³³ Ibidem

³⁴ LENZ, M. H. “Crise e negociações externas na Argentina no final do século XIX: o início da insustentabilidade do modelo aberto”. *Economia e Sociedade*, Campinas, 15, n. 2 (27), ago 2006. 375-399.

³⁵ SILVA, M. A. *Breve história de Foz do Iguaçu*. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

³⁶ BRASIL. “Decreto nº 4.662”. *Diário Oficial da União de 12/12/1902*, 1902. 5303.

ser a sede da colônia, a zona suburbana deveria ser destinada à produção agrícola e a zona pastoril serviria para a criação de gado de qualquer espécie.

Essa empreitada não obteve pleno êxito por uma série de motivos, como a má administração e o não uso das terras cedidas aos colonos, que preferiam extrair erva-mate para negociar com comerciantes argentinos, entre outros.³⁷ Além disso, a maioria dos colonos que chegavam para habitar a margem brasileira acessavam a região pela Argentina, pois, ainda que precária, havia uma estrada de terra que dava acesso a Puerto Iguazú. A navegação também era mais viável pela Argentina, visto que o caminho pelo mesmo rio, na divisa com o Paraguai, tinha o obstáculo das Sete Quedas e o rio Iguazu apresentava as intransponíveis cataratas.

Em 1913 e 1914, em pleno auge das *obrages*, ocorreu o fim da Colônia Militar e a fundação de Foz do Iguazu. Em 29 de janeiro de 1913, através do decreto 10024, a Colônia Militar de Foz do Iguazu foi emancipada e passou para o regime civil.³⁸ Em 1914, através da lei 1383, o governo do estado do Paraná decretou que ficava elevada à categoria de município o distrito judiciário com o nome de *Iguassú*, a ex-colônia militar. De acordo com o texto da lei, a área do novo município era a seguinte: a partir da foz do rio Iguazu, pelo rio Paraná, até o encontro com o rio Piquiri. A partir desse ponto, seguia por toda a extensão do rio Piquiri até a sua cabeceira e, desse ponto, por uma reta até a cabeceira do rio Tormentas. Seguia por toda a extensão do rio Tormentas até o rio Iguazu e, finalmente, pelo rio Iguazu até o seu encontro com o rio Paraná.³⁹ Assim, entre a fundação da cidade em 1914 e o Decreto Estadual 300 de 1930 que determinou o fim das *obrages*, a Tríplice Fronteira não era mais colônia militar e também não possuía as características das localidades mais economicamente dinâmicas do restante do oeste do Paraná, influenciadas pelas *obrages*.

Sobre esse período, alguns títulos de propriedades de terras foram emitidos, conforme consta no relatório apresentado à Comissão de Estudo de Faixa de Fronteira em 1966 pelo General Gaspar Peixoto, diretor do Departamento de Geografia, Terras e Colonização do Estado do Paraná. Segundo o relatório, em 1922 foi expedido o título da propriedade *Ocohy* para Hércules Picoli, em 1923 foi expedido o título da propriedade *Pacco Cuê* para Miguel Matte e em

³⁷ Myskiw, op. cit.

³⁸ BRASIL. Decreto 10.024: emancipa as colônias à fóz do Iguassu e do Alto Uruguay. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1913.

³⁹ PARANÁ. “Lei n.1383 de 14 de março de 1914”. *Diário Oficial*, Curitiba, n. 613, 18 março 1914.

1930 foram expedidos os títulos das propriedades denominadas Iguaçu, Iguaçu Área A e Iguaçu Área B, a primeira para João Emílio Matte e as outras duas para Miguel Matte.⁴⁰ Os proprietários dessas áreas organizaram a Companhia Florestal do Paraná, com a finalidade de explorar e colonizar a área adquirida. Conseguiram atrair alguns colonos do rio Grande do Sul, mas a tentativa fracassou poucos anos depois.⁴¹

Além do fim da colônia militar, da fundação do município e da concessão de terras a particulares, outros fenômenos ocorreram em ambos os lados da fronteira até 1930 e influenciaram na formação da Tríplice Fronteira. Em 1920 a primeira estrada de terra chegou à Foz do Iguaçu, ainda precária, cuja pavimentação só veio a ocorrer décadas mais tarde. No território paraguaio, embora houvesse também algum tipo de ocupação, tanto como resquício das missões jesuíticas como de exploradores de erva-mate, foi apenas em 1929 que a cidade de Presidente Franco foi fundada. Presidente Franco, juntamente com Puerto Iguazú e Foz do Iguaçu, são as cidades que formam o ponto de trijunção entre os três países. Em 1928, o governo da Argentina adquiriu de particulares cerca de 75.000 hectares de terra no entorno das cataratas, espaço que mais tarde veio a formar o parque nacional argentino.

Com isso, no limiar dos anos 1930, o oeste do Paraná estava caracterizado pelo resultado de meio século da exploração *obrageira* que tinha no rio Paraná a porta de entrada dos principais “conquistadores”. A fase das *obrages* marcou uma “marcha a partir do Oeste” no Paraná, pois o acesso para entrada e saída de pessoas e bens era a costa oeste paranaense, onde foram instalados portos fluviais e a partir deles foram abertos caminhos para acessar o interior do estado.⁴² É comum encontrar nos estudos que tratam da região a afirmativa de que as *obrages* eram empreendimentos de capital argentino, mão de obra paraguaia e matéria prima brasileira. Conforme discorrido nesse tópico do texto, especificamente na Tríplice Fronteira, a existência da colônia militar e as tardias concessões de terras para exploração semelhante ao modelo das *obrages* levaram o extremo oeste, na divisa com o Paraguai e com a Argentina, a constituir-se com características diferentes daquelas comumente encontradas na historiografia para explicar a formação do oeste do Paraná.

⁴⁰ DGTC. *Relatório apresentado à Comissão Especial do Estudo da Faixa de Fronteiras do Paraná e Santa Catarina*. Curitiba: Departamento de Geografia, Terras e Colonização, 1966.

⁴¹ MYSKIW, A. M. *Colonos, posseiros e grileiros: conflitos de terra no Oeste Paranaense (1061/66)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação Interinstitucional em História. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2002.

⁴² PFLUCK, L. D. “Os Caminhos pelo Oeste do Paraná, entre os Séculos XIX e XX, a Busca pelo Ensino de Geografia”. *Perspectiva Geográfica*, 11, n. 15, 2016. 184-197.

Empresas colonizadoras no oeste e relações internacionais na Tríplice Fronteira

Relativamente ao período posterior ao das *obrages*, na historiografia que trata da região oeste do Paraná, a explicação mais comumente encontrada faz referência ao movimento migratório de Santa Catarina e Rio Grande do Sul em direção ao Paraná. Em linhas gerais, nessa etapa a formação da região ocorreu principalmente pela atuação das empresas que efetivaram a colonização moderna do Oeste paranaense.⁴³ Todavia, no extremo oeste, onde se localiza a Tríplice Fronteira, essa explicação não é suficiente para demonstrar a formação da região.

A década de 1930 é uma referência temporal para o início da transição da fase das *obrages* no oeste do Paraná para a fase das empresas colonizadoras. O Decreto 19.842 de 1930, do governo federal, marcou o início de uma política nacional que buscou priorizar os interesses dos nacionais, controlar a entrada de estrangeiros e inserir as regiões mais a oeste do país, ainda não exploradas, à estrutura produtiva brasileira. Além da política nacional, o decreto estadual 300 de 1930, o decreto 800 de 1931 e a lei 46 de 1935 marcaram o cancelamento das concessões cedidas a empresas estrangeiras que atuavam no sistema de *obrages*. As terras foram recuperadas pelo Estado e passaram a ser vendidas para empresas e particulares, iniciando uma nova fase da construção da região.

A política nacional que influenciou na formação do oeste do Paraná ficou conhecida como Marcha para Oeste. Essa foi uma política do governo de Getúlio Vargas que, a partir de 1937, passou a incentivar as migrações voltadas a colonizar os sertões a oeste do Brasil, descrita por Gregory como uma ação administrativa agressiva que buscava a integração do território nacional para que as fronteiras econômicas coincidissem com as fronteiras políticas.⁴⁴ Dentre outras medidas, esse processo deu-se pela atuação de empresas colonizadoras, responsáveis pela comercialização de propriedades voltadas ao incentivo da ocupação do espaço considerado pelo governo como um vazio demográfico.

Valdir Gregory estudou uma delas de forma mais aprofundada, mais especificamente a Maripá, cujo nome completo era Industrial Madeira e Colonizadora Rio Paraná Ltda.⁴⁵ Além da Maripá, o autor indica que a Industrial Agrícola Bento Gonçalves, a Pinho e Terras, a Colonizadora Matelândia e a Colonizadora Criciúma também foram empresas envolvidas nesse

⁴³ Priori et al, op. cit.

⁴⁴ Gregory, op. cit.

⁴⁵ Ibidem

empreendimento que tiveram importante participação na colonização do oeste paranaense. O universo de empresas colonizadoras no oeste do Paraná é complexo e não é possível a explicação a poucas empresas e colônias. Houve desmembramento de empresas em várias outras, fundação de novas empresas ligadas às existentes. Além disso, houve disputas pelas terras por conta da sobreposição dos títulos de posse e por ocupações por populações que não possuíam esses títulos.

Entretanto, apesar dessa complexidade, o que importa para o objetivo desse texto é que, de maneira geral, o oeste do Paraná, a partir dos anos 1930 e com maior ênfase a partir dos anos 1950, caracterizou-se pela colonização com essas características: ações públicas com as quais o Estado se encarregava de fazer o loteamento e repassar as propriedades às empresas colonizadoras, e ações privadas a cargo de empresas de colonização e imobiliárias, que tratavam da venda das terras a colonos, principalmente vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A década de 1950 pode ser considerada como o momento em que o período das *obrages* estava definitivamente encerrado e que as concessões de terras às empresas colonizadoras estavam consolidadas. As décadas de 1940 e 1950 representam o período no qual passou a ocorrer em maior volume a migração de colonos catarinenses e gaúchos para o oeste do Paraná.⁴⁶ Com a consolidação das colônias, começaram a ser fundados novos municípios na região. Em 1952 foram fundadas as cidades de Cascavel, Toledo e Guaíra e em 1961 as cidades de Matelândia, Medianeira e São Miguel do Iguçu. Com a fundação dessas cidades, que passaram a ter uma estrutura administrativa política própria e um orçamento público específico, pode-se considerar que a política da Marcha para Oeste e os objetivos das empresas colonizadoras estavam ambas orientadas em um caminho sem volta. Desde o início dessa fase, foram emitidos 42 títulos de posse de terras da região oeste, a maioria pelo governo do estado do Paraná e alguns pela Fundação Paranaense de Colonização e Imigração, acelerando o processo colonizador.

Na região da Tríplice Fronteira, entre os anos 1930 e 1950, muitas mudanças também ocorreram. Aproximadamente onde hoje situa-se o território da cidade de Foz do Iguçu, encontravam-se as propriedades Ocoí e *Passo-Cuê*, além de parte da propriedade denominada Iguçu e parte da Colônia Tucuruvi. A Ocoí, anteriormente com título expedido para Hércules Picoli, nos anos 1930 era de propriedade da Companhia Brasileira de Viação e Comércio (Braviaco).

⁴⁶ Myskiw, 2002, op.cit.; Priori et al, op. cit.

As propriedades *Passo Cuê* e *Iguaçu* seguiram pertencendo à família Matte. A Colônia Tucuruvi era objeto de litígio entre a Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e a Colonizadora Matelândia, que alegavam a posse do território.⁴⁷

Com essa organização territorial, iniciaram-se os anos 1930, que marcaram importantes mudanças no extremo oeste do Paraná e também nos demais lados da fronteira. Em 1934, com base na lei 12103, o governo argentino criou o Parque Nacional Iguazú, na área de 75.000 hectares adquirida em 1928. Em 1938, a *Ruta 12*, uma das principais rodovias da Argentina, chegou a Puerto Iguazú, ligando a região a Buenos Aires.

No Brasil, o governo estadual, através do decreto 2153 de 1931, doou ao governo federal a área para instalação de um parque nacional junto às Cataratas do Iguaçu, em local que anteriormente era ocupada pelas propriedades Santa Maria, Silva Jardim, Tucuruvi, Timburi e Andradas, algumas delas com sobreposição de títulos de posse.⁴⁸ O Parque Nacional do Iguaçu foi fundado em 1939 e, desde então, a divisa entre o Brasil e a Argentina passou a ser uma área de preservação natural, diferente das características predominantes no restante do oeste do estado. Quando ocorreu a fundação de novas cidades na região a partir de 1952, essa área estava definitivamente na condição de área de preservação, sob a responsabilidade do governo federal.

A primeira pista de pouso para aeronaves na região também foi objeto de ações dos anos 1930, quando foi adquirido, em 1933, um espaço para a construção de um campo de aviação para o Correio Aéreo Militar do Brasil. Em 1935 houve o pouso inaugural e em 1938 a primeira companhia aérea passou a ter rotas semanais passando por Foz do Iguaçu. Em 1941, foi inaugurado o Aeroporto do Parque Nacional do Iguaçu. Como o nome sugere, os investimentos do governo federal do Brasil no extremo oeste do Paraná ultrapassaram a criação de passarelas no entorno das Cataratas do Iguaçu. O complexo de obras estruturantes do Parque Nacional, além do aeroporto, incluía a construção de ruas e pontes para acesso à área das Cataratas, uma reforma do Porto sobre o rio Paraná e a construção do trecho da rodovia entre Laranjeiras-Cascavel. As obras estavam avaliadas em 32 milhões de cruzeiros, um valor maior do que o orçamento total do Estado do Paraná que, em 1941, era de 28 milhões de cruzeiros.⁴⁹

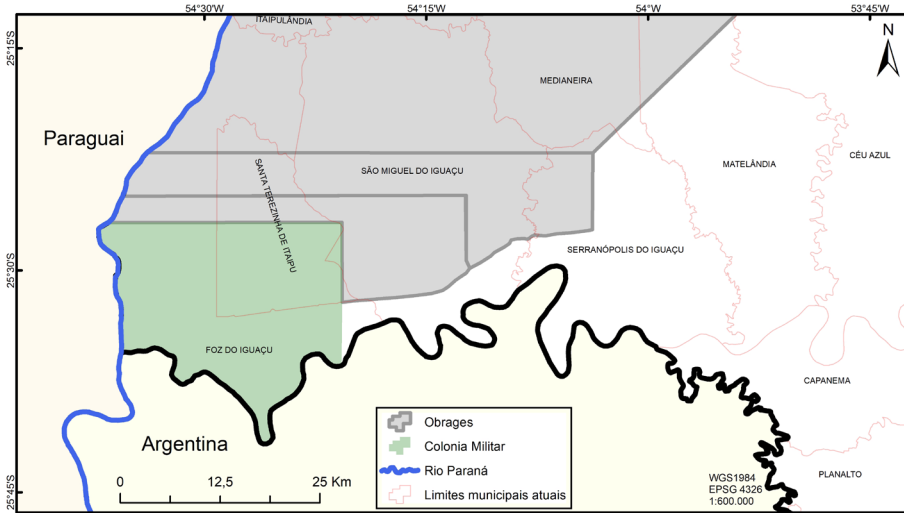
⁴⁷ Myskiw, op. cit. Ver também o Mapa 4 desse artigo.

⁴⁸ Ibidem

⁴⁹ MURGEL, A. *Parques Nacionais*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. Relatório do Interventor do

Há que se destacar que a porção mais próxima da fronteira com o Paraguai continuava sem nenhum título de posse emitido, ou seja, não estava sob administração de nenhuma empresa colonizadora. Os mapas 3 e 4 a seguir demonstram a mudança na Tríplice Fronteira ocorrida entre os anos 1930 e 1960.

Mapa 3: obras e colônia militar nas proximidades da Tríplice Fronteira (1913)



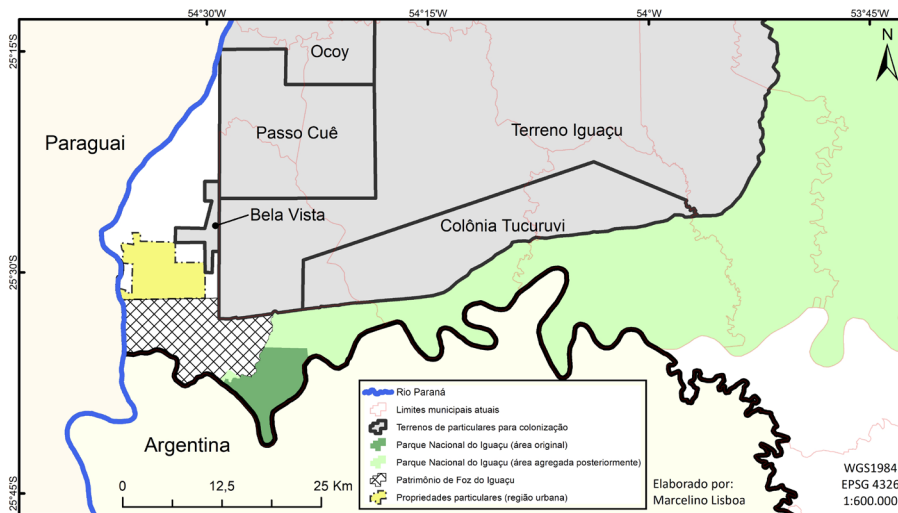
Elaboração própria. O espaço relativo às *obrages* representa as propriedades São Paulo Rio Grande, Miguel Matte e Waldemar Matte, detalhadas anteriormente no Mapa 2.

Relativamente ao apresentado no mapa 4, algumas questões devem ser destacadas. A primeira refere-se ao que está descrito no mapa como propriedade particular em área urbana. O termo “área urbana” serve para designar a área na qual foi se consolidando a parte central da cidade nas décadas seguintes. A delimitação dessa área utilizou o mencionado mapa de 1941, quando a urbanização da região ainda era embrionária. O título do mapa, *Medições ao Norte do Patrimônio de Foz do Iguassú*, levanta outra questão. Se o mapa é norte, significa que a referência é o Patrimônio de Foz do Iguassú. Contudo, não foi possível localizar um mapa do então patrimônio. Com isso, levantamos a hipótese de se tratar de um sinônimo para a área central do município, onde estava localizado os prédios públicos (prefeitura, delegacia,

Estado do Paraná entregue ao Presidente da República, Exercícios de 1940 e 1941. Acervo do Arquivo Público do Paraná.

escola e igreja), cujos demais limites eram os rios Paraná e Iguazu e o Parque Nacional do Iguazu. O tema do Patrimônio de Foz do Iguazu será objeto de pesquisas futuras.

Mapa 4: configuração da região próxima à Tríplice Fronteira (1940-1960)



Elaboração própria. Para o traçado do Parque Nacional do Iguazu foram utilizados Shapefiles de SIG, (Curitiba, Paraná: INCRA-PR, 2010), obtidos por Frederico Freitas em 2013.⁵⁰ Para o traçado dos terrenos destinados à colonização foi utilizado o relatório de 1966 do Departamento de Geografia, Terras e Colonização.⁵¹ Para as propriedades particulares na região urbana de Foz do Iguazu e para o Patrimônio de Foz do Iguazu foi utilizado um mapa intitulado *Medições ao Norte do Patrimônio de Foz do Iguassú*, do acervo pessoal do Dr. Saulo Ferreira.⁵²

Questões do contexto internacional no extremo oeste

Na divisa com o Paraguai as relações internacionais estão bastante presentes na definição do que a Tríplice Fronteira se tornou na segunda metade do século XX, fortalecendo ainda mais a sua diferença em relação ao restante do oeste paranaense. O principal fenômeno foi a Marcha para Leste do Paraguai, política iniciada nos anos 1950 pelo governo Stroessner, que teve objetivos

⁵⁰ Os autores agradecem gentilmente ao Prof. Dr. Frederico Freitas pelo compartilhamento da informação.

⁵¹ DGTC, op.cit.

⁵² Os autores agradecem gentilmente à Sra. Loty Ferreira pelo acesso ao mapa utilizado nessa publicação.

semelhantes à política da Marcha para Oeste adotada no governo Vargas no Brasil: ocupar as áreas consideradas vazias demográficas com atividades econômicas que levassem posteriormente à colonização do território. Nesse contexto foi fundada, em 1957, na fronteira com o Brasil, ao lado de Foz do Iguaçu, a cidade de Puerto Flor de Liz, que posteriormente passou a chamar-se Puerto Stroessner e mais tarde Ciudad del Este. Além disso, nesse período houve o fortalecimento das relações entre Brasil e Paraguai, que permitiu o investimento de ambos os países em infra estrutura viária para viabilizar o acesso do Paraguai aos portos do Atlântico, na costa brasileira. O marco desse fenômeno foi a construção da Ponte da Amizade, inaugurada em 1965.

Foz do Iguaçu é a cidade mais antiga da região oeste do Paraná. Após a sua fundação, em 1914 passaram-se quase quatro décadas até que outra cidade fosse emancipada na região oeste. Mesmo na fase áurea das empresas colonizadoras, o extremo oeste, onde localiza-se hoje a parte mais urbanizada de Foz do Iguaçu, não se tornou uma propriedade nos moldes semelhantes ao restante da região oeste. Quando outros municípios surgiram na região, fruto do crescimento do processo migratório e da exploração e desenvolvimento das atividades agrícolas, a gênese da urbanização de Foz do Iguaçu encontrava-se em curso há algumas décadas. Ao invés de uma cidade fruto dos processos colonizadores que predominaram no século XX no oeste do Paraná, a Tríplice Fronteira tornou-se um ponto de conexão com a Argentina e com o Paraguai, que também avançaram em ocupar o espaço trinacional.

A partir dos anos 1960, os novos municípios da região oeste paranaense desenvolveram-se a partir da produção agropecuária como base econômica. Nesse mesmo período, na Tríplice Fronteira foi um movimento internacional que influenciou as características de sua formação. Em 1960 o governo do Paraguai fez a primeira concessão para uma empresa privada explorar o comércio através do modelo de zona franca, com da Lei 624/1960. A empresa *Foreign Markets Trading* passou a ter a permissão para realizar operações de importação e inserção dos produtos no mercado de Puerto Stroessner e promover a industrialização da região. Contudo, acabou ficando restrito ao comércio de bebidas, cigarros, rádios e outros produtos que garantiam lucro fácil,⁵³ em detrimento do desenvolvimento de outras atividades industriais. A eliminação de tarifas de exportação, sem uma política de industrialização influenciaram para que o comércio fronteiriço se tornasse a principal atividade paraguaia na Tríplice Fronteira. Ao longo das décadas que se seguiram,

⁵³ CERVO, A. L.; BUENO, C. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: UnB, 2008.

esse comércio passou a atrair grandes contingentes de compradores, principalmente brasileiros.

Assim, é possível afirmar que a constituição de uma área de comércio na fronteira, do lado paraguaio, influenciou na formação do que a Tríplice Fronteira veio a se tornar na mesma proporção que a ação das empresas colonizadoras influenciaram para que a maioria das cidades do oeste do Paraná se tornassem o que se tornaram na segunda metade do século XX. No caso da Tríplice Fronteira, isso vale tanto para as atividades lícitas quanto para as ilícitas que hoje fazem parte do seu cotidiano.

O último elemento que deve ser destacado sobre a diferença entre a formação do oeste do Paraná, em geral, e a Tríplice Fronteira, é o fator migratório. A empresa Maripá atraiu migrantes para a região onde mais tarde foi fundada a cidade de Toledo. A cidade de Céu Azul foi fundada a partir da ocupação da área por colonos que compraram terras da Pinho e Terras. Em Medianeira foi a Industrial Bento Gonçalves que atuou, em Matelândia foi a colonizadora Matelândia e, finalmente, a colonizadora Criciúma na região onde mais tarde fundou-se Santa Terezinha de Itaipu. Essas empresas e cidades servem para exemplificar alguns casos em que a migração para a região foi motivada pela ação das empresas colonizadoras.

Na Tríplice Fronteira, por sua vez, três pontos devem ser mencionados. O primeiro é que as terras adquiridas para colonização não tiveram o mesmo êxito em atrair migrantes que tiveram em outras cidades do oeste paranaense. As propriedades da família Matte, adquiridas entre 1923 e 1930 nas vizinhanças de onde antes localizava-se a colônia militar, conseguiram atrair colonos do Rio Grande do Sul, mas o projeto de colonização fracassou anos depois. As empresas colonizadoras não fizeram na parte brasileira da Tríplice Fronteira aquilo que fizeram no restante do oeste do Paraná.

O segundo ponto que deve ser mencionado é que a grande transformação demográfica da Tríplice Fronteira aconteceu por ocasião da construção da usina de Itaipu. Os primeiros documentos assinados pelo Brasil e Pelo Paraguai para a construção da hidrelétrica ocorreram em meados da década de 1960, mas a construção ocorreu entre os anos de 1974 e 1982, período em que houve um aumento populacional acima da média na região. A Itaipu atraiu não somente migrantes para trabalhar diretamente na obra, mas também outros contingentes de pessoas que se deslocaram para a região por causa da obra. A transformação demográfica que ocorreu na Tríplice Fronteira por conta da Itaipu, guardadas as devidas proporções, foi semelhante à transformação

demográfica do restante do oeste do Paraná, motivado pelas empresas colonizadoras. A transformação econômica da Tríplice Fronteira foi um efeito duplo, da conformação de uma zona de comércio na fronteira, somada à construção da Itaipu.

O terceiro ponto a ser mencionado também se refere a características demográficas, mais precisamente étnicas e culturais. A migração gerada pelas empresas colonizadoras teve como uma das características mobilizar principalmente os descendentes de alemães do sul do Brasil,⁵⁴ com o intuito de trabalhar na agricultura. Com isso, esses grupos passaram a ser presentes nas colônias organizadas pelas empresas colonizadoras e, posteriormente, nos municípios que vieram a ser fundados. Na Tríplice Fronteira houve uma diferença também nesse aspecto. O comércio de fronteira do lado paraguaio atraiu migrantes interessados em investir no negócio, fazendo com que uma grande quantidade de migrantes asiáticos e árabes da região do oriente médio viessem a habitar esse espaço. São chineses, libaneses, turcos, taiwaneses e seus descendentes, somente para exemplificar a diversidade da população da Tríplice Fronteira. Muitas dessas pessoas e suas famílias circulam entre o Paraguai e o Brasil diariamente e compõem o mosaico demográfico de Foz do Iguaçu, juntamente com descendentes de alemães e italianos da fase das empresas colonizadoras e brasileiros que se mudaram para a região na construção da Itaipu, além de paraguaios e argentinos que convivem no espaço da Tríplice Fronteira.

Conclusão

É inegável que a explicação predominante na historiografia paranaense é suficiente para demonstrar, em linhas gerais, a formação do oeste do Paraná. O período das *obrages*, entre 1880 e 1930, seguido da fase protagonizada pelas empresas colonizadoras, indica satisfatoriamente a ocupação e transformação da região desde o final do século XIX até grande parte da segunda metade do século XX. Contudo, argumentamos que essa explicação não se aplica de maneira satisfatória à Tríplice Fronteira, localizada no extremo oeste, na fronteira com Argentina e Paraguai.

Verificou-se que na fase em que predominaram as *obrages* no oeste do estado, a existência da colônia militar fez com que a Tríplice Fronteira tivesse características diferentes. Após o fim da colônia militar, em 1913, houve

⁵⁴ Myskiw, 2002, op. cit.

ventas de terras a particulares, mas até os anos 1930 não houve o mesmo êxito na colonização daquele espaço. Na fase em que as empresas colonizadoras atraíram colonos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para o oeste do Paraná, determinando as características de ocupação e exploração do espaço, na Tríplice Fronteira foram outros fatores que exerceram influência. A criação dos parques nacionais na Argentina e no Brasil, o incentivo ao comércio de fronteira no lado paraguaio e, mais tarde, a construção da Itaipu, são os fatores que influenciaram para a formação do que a região veio a se tornar. Assim, conclui-se que na Tríplice Fronteira não se aplica a mesma explicação utilizada pela historiografia para desvendar a formação do oeste paranaense.

Contudo, qualquer cidade da região oeste que for analisada em detalhes apresentará diferenças em relação às demais. No caso de Toledo, por exemplo, há especificidades em sua formação decorrentes da centralidade que aquele espaço tinha para a Maripá, uma das principais empresas colonizadoras da região. Em Palotina há uma diferença relativamente à importância de elementos ligados à igreja católica que foram fundamentais na formação da cidade. Porém, para todas essas cidades e regiões, as *obrages* e as empresas colonizadoras são elementos centrais na explicação de sua formação e isso torna-as diferentes da região da Tríplice Fronteira nesse aspecto.

Consideremos então cidades que possuem mais semelhanças com Foz do Iguaçu e a Tríplice Fronteira. Santa Helena, assim como Foz do Iguaçu, tinha importância por conta da existência de um porto para escoamento da produção pelo Rio Paraná. Porém, o porto de Santa Helena estava localizado em território que pertenceu a *obrageiros*, diferente do porto próximo à foz do rio Iguaçu, que estava no território da Colônia Militar. Guaíra também é uma cidade de fronteira, onde localizavam-se as Sete Quedas e que poderia ter se tornado um espaço turístico como as Cataratas. Não bastassem essas semelhanças com a Tríplice Fronteira, a região de Guaíra também foi influenciada pela construção de Itaipu. No entanto, diferente da Tríplice Fronteira, Guaíra é fruto da ação de uma das principais empresas colonizadoras que atuou no oeste do estado, a Mate Laranjeiras.

Alguns acontecimentos foram deixados de fora da discussão desse artigo, não por sua importância ou relevância, mas por não serem necessários para a discussão proposta. A efêmera existência do Território Federal do Iguaçu (1943-1946) e o conflito por território entre Brasil e Paraguai que levou ao acordo para a construção de Itaipu, são apenas dois dos exemplos desses acontecimentos históricos relevantes que não foram objeto de nossa

análise nesse artigo. Nesse sentido, os autores reconhecem os limites e as amplas possibilidades para o estudo e a compreensão da história do extremo, do Oeste, e da fronteira internacional do Paraná.

Referências

- BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.
- BLANC, J.; FREITAS, F. *Big Water: The Making of Borderlands Between Brazil, Argentina and Paraguay*. Chicago: University of Arizona Press, 2018.
- BRASIL. Decreto nº 4.662. *Diário Oficial da União de 12/12/1902*, 1902. 5303.
- BRASIL. *Decreto 10.024: emancipa as colônias à fóz do Iguassu e do Alto Uruguay*. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1913.
- BREPOHL, M. D. Acerca do modelo Pinheiro Machado: uma leitura sobre a história regional. *Questões & Debates*, Curitiba, 2, n. 2, jun. 1981. 15-22.
- BRIGHENTI, C. A.; SANTOS, R. D. Encobrimento indígena no processo de colonização do oeste do Paraná. *Sures*, n. 9, 2017. 113-131.
- CARDOSO, J. A. O modelo de explicação histórica proposto por Brasil Pinheiro Machado. *Questões & Debates*, Curitiba, 2, n. 2, jun. 1981. 5-14.
- DGTC. *Relatório apresentado à Comissão Especial do Estudo da Faixa de Fronteiras do Paraná e Santa Catarina*. Curitiba: Departamento de Geografia, Terras e Colonização, 1966.
- FREITAG, L. D. C. *Fronteiras perigosas: migração e brasilidade no extremo-oeste paranaense (1937-1954)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.
- GIMENEZ, H. M. et al. A Tríplice Fronteira como Região: Dimensões Internacionais. *Cadernos Prolam/USP*, São Paulo, 17, n. 33, jul./dez. 2018. 148-167.
- GREGORY, V. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.
- IPHAN. *Parque Nacional do Iguaçu (PR)*, 2014. Disponível em: <<https://www.parquesnacionais.gov.br/institucional/historia-institucional/>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

- LENZ, M. H. Crise e negociações externas na Argentina no final do século XIX: o início da insustentabilidade do modelo aberto. *Economia e Sociedade*, Campinas, 15, n. 2 (27), ago 2006. 375-399.
- LIMA, F. R. F. *Desenvolvimento regional na fronteira Foz do Iguaçu/BR - Ciudad del Este/PY*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Geografia. Curitiba: UFPR, 2011.
- MACHADO, B. P. O estudo da história regional (uma nota prévia). *Questões & Debates*, Curitiba, 2, n. 3, dez. 1981.
- MACHADO, B. P. Esboço de uma sinopse da história regional do Paraná. *Questões & Debates*, Curitiba, 8, n. 14/15, jul-dez 1987. 177-209.
- MYSKIW, A. M. *Colonos, posseiros e grileiros: conflitos de terra no Oeste Paranaense (1061/66)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação Interinstitucional em História. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2002.
- MYSKIW, A. M. *A fronteira como destino de viagem: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888/1907)*. Guarapuava: EDUNICENTRO, 2011.
- NASCIMENTO, D. *Pela fronteira*. Curitiba: Typ d'A República, 1903.
- PARANÁ. Lei n.1383 de 14 de março de 1914. *Diário Oficial*, Curitiba, n. 613, 18 março 1914.
- PFLUCK, L. D. Os Caminhos pelo Oeste do Paraná, entre os Séculos XIX e XX, a Busca pelo Ensino de Geografia. *Perspectiva Geográfica*, 11, n. 15, 2016. 184-197.
- PORTZ, S.; MASCARENHAS, M.; GREGORY, V. O Rio Paraná e a Dinâmica da Fronteira nos Séculos XIX e XX. *Pleiade*, 14, n. 30, 2020. 36-47.
- PRIORI, Â. et al. *História do Paraná: séculos XIX e XX*. Maringá: Eduem, 2012.
- QUILANTE, M. S. R.; WELTER, N. K. A história da colonização e emancipação política de Santa Terezinha de Itaipu: a participação das mulheres. *Cadernos PDE*, 1, 2013.
- SBARDELOTTO, D. K. Descoberta de Foz do Iguaçu e a fundação da colônia militar (Book Review). *Educere et Educare*, Cascavel, 5, n. 9, jan/jun 2010. 293-297.
- SEIBERT FILHO, A. *A expedição de Reinhad Maack em 1933-1934 no interior do Paraná: contexto sóciopolítico e econômico*. São Paulo: Dialética, 2021.
- SILVA, M. A. *Breve história de Foz do Iguaçu*. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

SILVA, M. A.; CASTRO, I. C. S. *Além dos limites: a Tríplice Fronteira nas Relações Internacionais Contemporâneas*. São Paulo: Alameda, 2021.

SOAVINSKI, C. *Terra pela qual se luta, terra na qual se vive: o refazer da vida e da terra dos Avá-Guarani do Oeste do Paraná após o desterro*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Brasília: UnB, 2019.

VARGAS, F. A. *Formação das fronteiras latino-americanas*. Brasília: FUNAG, 2017.

WACHOWICZ, R. *Obrageiros mensus e colonos: história do oeste paranaense*. Curitiba: Vicentina, 1982.

Artigo recebido para publicação em 22/12/2021

Artigo aprovado para publicação em 21/02/2022